

Para Ludwig Feuerbach*

Em Bruckberg

Paris, 11 de Agosto de 1844

Rue Vanneau 38

396

Prezado Senhor,

Uma vez que tive a oportunidade, tomei a liberdade de enviar-lhe um artigo meu no qual alguns elementos da minha filosofia crítica do direito¹ são esboçados. Eu já o tinha terminado, mas o revi desde então para torná-lo mais amplamente compreensível. Eu não atribuo nenhum valor excepcional a esse ensaio, mas estou feliz de ter uma oportunidade de declarar o imenso respeito e – se eu posso usar essa palavra – amor que sinto por você. Sua Filosofia do futuro [Philosophie der Zukunft] e sua Essência da religião [Wesen des Glaubens], a despeito de seu pequeno tamanho, são certamente de maior peso do que toda a literatura Alemã contemporânea reunida.

Nessas obras você forneceu – eu não sei até que ponto intencionalmente – uma base filosófica para o socialismo e os comunistas imediatamente as entenderam dessa maneira. A unidade do homem com o homem, que se baseia nas diferenças reais entre os homens, o conceito de espécie humana trazido dos céus da abstração para a terra real, o que é isso senão o conceito de sociedade!

Duas traduções de sua Essência do cristianismo [Wesen des Christentums], uma em inglês e outra em francês, estão em preparação e quase prontos para a impressão. O primeiro será publicado em Manchester (Engels está supervisionando) e o segundo em Paris (o francês Dr. Guerrier e o comunista alemão Ewerbeck o traduziram com a ajuda de de um especialista em literatura francesa).²

No momento atual, os franceses irão imediatamente atacar o livro, pois os dois partidos – padres, e volterianos e materialistas – estão procurando por “ajuda externa”. É um fenômeno notável que, em contraste com o século dezoito, a religião passou para a classe média e alta, enquanto que a irreligiosidade –

* Texto traduzido a partir da edição em inglês: Karl Marx. “Marx to Ludwig Feuerbach”, Paris, 11 August, 1844”. In: *Karl Marx & Frederick Engels. Collected Works*, V. 3 (1843-1844). New York: International Publishers, 1975, pp. 354-357. A tradução em inglês foi cotejada com o original em alemão, disponível em: <<https://sites.google.com/site/sozialistischeklassiker2punkt0/karl-marx/1844/karl-marx-brief-an-ludwig-feuerbach>>. Algumas das notas da edição em inglês foram reproduzidas nesta tradução e indicadas por N. Ed. Ing. Quando as notas traziam referências a obras de Marx (e Marx & Engels), as edições em inglês foram substituídas pelas respectivas edições em português.

¹ Marx, K. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

² N. Ed. Ing. O parágrafo aparece em parênteses no original.

mas uma irreligiosidade de homens com respeito a si mesmos como homens – desceu ao proletariado francês. Você teria de comparecer a um dos encontros dos trabalhadores franceses para apreciar seu puro frescor, a nobreza que é irradiada por esses homens exauridos pelo trabalho. O proletariado inglês também está avançando com passos gigantesco, mas lhe falta a formação cultural do proletariado francês.

Mas eu não devo esquecer de enfatizar os méritos teóricos dos artesãos alemães na Suíça, em Londres e Paris. O artesão alemão, no entanto, ainda é demasiado artesão. Mas em qualquer caso é entre os “bárbaros” da nossa sociedade civilizada que a história está preparando o elemento prático para a emancipação da humanidade.

Para mim a diferença entre o caráter francês e o nosso caráter alemão nunca foi demonstrado de forma tão clara e convincente como no trabalho fourierista que começa com a seguinte sentença:

“É nas suas paixões que o homem se revela completamente.” “Você já encontrou uma pessoa que pensou para pensar, que lembrou para lembrar, que imaginou para imaginar, que desejou para desejar. Isso já aconteceu com você?... Não, obviamente não!”³

A principal força motora da natureza e da sociedade é, portanto, a atração mágica, apaixonada e não-refletida e “tudo o que existe, homem, planta, animal, planeta, recebeu um montante de força correspondente a sua missão no sistema do universo”.⁴

Disso se segue: “os poderes atrativos são proporcionais aos destinos.”⁵

Essas sentenças todas não dão a impressão de que os franceses deliberadamente colocam suas paixões contra a pura atividade do pensamento alemão? Não se pensa para pensar etc.

Em sua Gazeta Literária de Berlim [Berliner Literatur-Zeitung] crítica,⁶ Bruno Bauer, meu amigo de vários anos – mas mais afastado agora –, forneceu a prova original de como é difícil para os alemães se livrar da unilateralidade contrária⁷. Eu não sei se você leu a gazeta. Ela contém muitas polêmicas encobertas contra você.

³ N. Ed. Ing: “*L’homme est tout entier dans ses passions.*” “Avez-vous jamais rencontré un homme qui *pensât pour penser*, qui se *ressouvint pour se ressouvenir*, qui *imaginât pour imaginer?* qui *voulait pour vouloir?* cela vous est-il jamais arrivé à vous même?... non, évidemment non!” Todas as passagens em francês que aparecem nesta carta são traduzidas no texto, sendo o original em francês reproduzido em notas. As citações são retiradas da obra *Exposition de la science sociale*, constituée par C. Fourier, by E. de Pompery, Paris, 1840, pp. 13-29.

⁴ “Tout être, homme, plante, animal ou globe a reçu une somme des forces en rapport avec sa mission dans l’ordre universel”.

⁵ “Les attractions sont proportionnelles aux destinées.”

⁶ *Gazeta Literária Geral* [Allgemeine Literatur-Zeitung].

⁷ N. Ed.: oposta (à dos franceses).

O caráter da Gazeta Literária [Literatur-Zeitung] pode ser reduzido ao seguinte: “Crítico” é transformado em um ser transcendental. Esses berlinenses não se vêem como homens que criticam, mas como críticos que, incidentalmente, tiveram a infelicidade de serem homens. Eles, portanto, reconhecem somente uma necessidade real, a necessidade da crítica teórica. Pessoas como Proudhon são então acusadas de terem assumido alguma “necessidade” “prática” como seu ponto de partida. Esse crítico, portanto, converte-se em um espiritualismo triste e aristocrático. A consciência ou a autoconsciência é tomada com a única qualidade humana. O amor, por exemplo, é rejeitado, porque o amado é apenas um “objeto”. Abaixo o objeto. O crítico então se percebe como o único elemento ativo na história. Ele é confrontado por toda a humanidade como uma massa, uma massa inerte, que só tem valor como a antítese do intelecto. Dessa forma, é tido como o maior dos crimes a demonstração de sensações ou paixões, ele deve ser um σοφός [sábio] frio e irônico.

Bauer afirma então literalmente:

“O crítico não deveria participar nem dos sofrimentos nem das alegrias da sociedade, ele não deve conhecer nem a amizade, nem o amor, nem a raiva e a inveja; ele deve ser entronado na solidão, onde somente o riso dos deuses do Olimpo sobre a confusão do mundo ressoa ocasionalmente de seus lábios.”⁸

O tom da Gazeta Literária [Literatur-Zeitung] de Bauer é, por conseguinte, de desprezo imparcial e ele torna as coisas mais fáceis para ele atirando os resultados do seu trabalho e de nosso tempo como um todo na cabeça de outras pessoas. Ele somente expõe as contradições e, satisfeito com essa ocupação, ele se retira com um desdenhoso “hã”. Ele declara que o crítico não oferece nada, ele é muito espiritual para isso. De fato, ele expressa claramente a esperança:

“não está distante o tempo e que toda a humanidade degenerada irá se voltar contra o crítico” – e o crítico significa Bauer e companhia – “eles irão então dividir essa massa em diferentes grupos e distribuir o testimonium paupertatis [atestado de pobreza] a todos eles”.

Parece que Bauer lutou contra Cristo por rivalidade. Publicarei uma pequena brochura atacando essa aberração do crítico.⁹ Seria de grande valor para mim se você me deixasse saber antecipadamente sua opinião e, de uma forma geral, algum sinal rápido de vida de sua parte me faria feliz. Os artesãos alemães em Paris, i.e., os comunistas entre eles, algumas centenas, têm recebido aulas duas vezes por semana sobre o seu Essência do cristianismo [Wesen des

⁸ N. Ed. Ing.: As sentenças citadas aqui e algumas linhas abaixo foram retiradas por Marx de artigos publicados na Gazeta Literária Geral [Allgemeine Literatur-Zeitung], volumes V e VI, 1844. Marx criticou esses artigos nos capítulos sete e nove de *A sagrada família*. Marx, K. & Engels, F. *A sagrada família ou a crítica da crítica crítica: contra Bruno Bauer e consortes*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

⁹ N. Ed. Ing.: Marx, K. & Engels, F. *A sagrada família... Op. cit.*

Christenthums] de seus líderes secretos¹⁰, e têm sido notavelmente participativos. O pequeno extrato da carta de uma senhora alemã que apareceu no folheto do Vorwärts! (No. 64)¹¹ sem o conhecimento de sua autora é tirado de uma carta de minha esposa, que está visitando sua mãe¹² em Trier.

Com meus melhores votos para o seu bem-estar.

Atenciosamente,

Karl Marx

Publicado pela primeira vez no periódico *Probleme des Friedens und des Sozialismus*, No. 2, 1958.

¹⁰ N. Ed. Ing.: Da Liga dos Justos.

¹¹ N. Ed. Ing.: Ver mesmo volume [das obras completas de Marx & Engels em inglês, isto é, vol. 3], p. 580.

¹² N. Ed. Ing.: Karoline von Westphalen.